



ENTREVISTA

“Porque todas as gaivotas precisam ser livres. E voar. As gayvotas também: um encontro com Guilherme de Melo”

JORGE VICENTE VALENTIM*

Filho de portugueses, nascido em 1931, em Lourenço Marques (atual Maputo, capital de Moçambique), Guilherme de Melo dedicou sua vida exclusivamente ao jornalismo, não sem aventurar-se pela literatura, sobretudo pelo conto, pela poesia e pelo romance. Teceu, ao longo de oitenta e dois anos de vida, uma trajetória controversa, marcada ora por defesas à presença colonial lusa em territórios africanos, ora por questionamentos e críticas à própria máquina do Estado Novo, além de se colocar frontalmente em defesa de classes marginalizadas (sobretudo os homossexuais) e esquecidas pelos estatutos portugueses (como os jovens militares inexperientes, desembarcados prematuramente em Moçambique).

Sua primeira aventura no universo literário foi o ensaio *O sentimento português na poesia de António Nobre*, em 1957. Em seguida, estreou como ficcionista, em 1960, com a coletânea de contos *A menina Elisa e outros contos*, mas foi com o romance *Raízes do ódio* (1965), prefaciada por Urbano Tavares Rodrigues, que Guilherme de Melo chamou a atenção da crítica, além de causar um profundo incômodo à censura da época, em virtude de trazer à tona os temas da intolerância e da violência nos territórios africanos ocupados por Portugal.

* Professor Adjunto de Literaturas de Língua Portuguesa (Sub-áreas: Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa), do Departamento de Letras da UFSCar. Professor credenciado no PPGLit/UFSCar (Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura) e colaborador no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNESP/Araraquara.

Sua preocupação maior, no entanto, direcionou-se ao “sagrado direito à diferença”, como ele tantas vezes afirmou, sobretudo no tocante à experiência e à vivência homossexual, tanto em Moçambique, quanto em Portugal. São frutos desta inquietação os romances *A sombra dos dias* (1981), *Ainda havia sol* (1984) e *O que houver de morrer* (1989), que, em conjunto, considero uma trilogia do amor homoerótico; e, também, os ensaios jornalísticos *Ser homossexual em Portugal* (1982) e *Gayvota* (2002).

Além desses títulos, é preciso destacar que, apesar de obras suas terem sido tomadas como corolários da presença portuguesa na África (vide, por exemplo, *Moçambique, Norte – Guerra e paz*, de 1969, e *Menino Candulo, senhor comandante*, de 1974), Guilherme de Melo não deixou de ter consciência de que a máquina estatal também se aproveitou do fato de ele ter sido um dos mais destacados, se não um dos mais renomados, jornalistas portugueses em territórios africanos. E se as suas críticas ao abandono dos jovens soldados, desembarcados sem qualquer informação precisa sobre os locais por onde circulariam, ficam patentes nas páginas do seu romance autobiográfico *A sombra dos dias*, também em outras, como *Moçambique, dez anos depois* (1985) e *Como um rio sem pontes* (1997), ensaiou o autor, por um lado, uma espécie de *mea culpa*, de reconhecimento dos erros do passado, e, por outro, apontou que a questão homossexual em Portugal não era a única de suas preocupações, enquanto escritor e pensador da condição humana, em pleno cenário de mudanças globalizadoras. Talvez, neste último, ele tenha efetivamente procurado refletir sobre o surto de epidemia da AIDS e suas vítimas, sublinhando que, independentemente da orientação sexual do indivíduo, a doença é um mal que não escolhe e nem hierarquiza os seus alvos.

Por isso, gosto de pensar que a contribuição deixada por Guilherme de Melo na luta pelas causas das comunidades LGBT e a visibilidade tentada pela sua obra no cenário português pós-Revolução dos Cravos (1974) é incontestável. Seja como ficcionista, seja como ensaísta, sua escrita causou incômodos, marcou uma época e consolidou as reivindicações atuais pelos direitos humanos e pela igualdade. Não nos cabe aqui, portanto, julgar ou condenar as suas atitudes políticas, antes, interessa-nos mais verificar a sua obra e nelas procurar rastrear o pensamento e as inquietações de um homem que não se conformou com autoritarismos, imposições e quebra da liberdade de expressão.

Foi, portanto, com este espírito que, numa sexta-feira, exatamente no dia 03 de maio de 2013, às 14h42, que desci do taxi no bairro do Príncipe Real, em Lisboa. Num apartamento pequeno, mas muito aconchegante, fui recebido por um senhor, com cabelos grisalhos e um sorriso aberto e cativante. Depois de quase cinco anos trabalhando com a obra de Guilherme de Melo, finalmente encontrava-me face a face com o meu objeto de estudo. Felizmente, o encontro reservava surpresas, superando as minhas expectativas, afinal, estava diante de um homem que se afirmou no meio jornalístico pela sua competência, e na sociedade portuguesa pela sua coragem e ousadia, ao enfrentar todo um contexto de mascaramento e hipocrisia, dizendo em alto e bom som a sua condição de homossexual.

Foi esse senhor de olhos azuis muito profundos, com uma voz jorrando lucidez e gestos com uma vitalidade impressionante que me recebeu em sua residência, num final de semana inesquecível. Nessa entrevista, a última dada em vida, visto que viria a falecer em 29 de junho deste mesmo ano, o autor português falou abertamente de sua relação com a crítica, com os meios político-sociais e a sua obra. Este encontro com Guilherme de Melo só foi possível graças ao Estágio Pós-Doutoral Sênior, com Bolsa de Pesquisa concedida pela CAPES, durante o período de fevereiro a agosto de 2013, na Universidade do Porto, sob a supervisão da Profa. Doutora Isabel Pires de Lima.

PALAVRAS-CHAVE: HOMOEROTISMO – FICÇÃO PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA – GUILHERME DE MELO

Jorge Valentim – *Nós sabemos que o Guilherme de Melo nasceu em 1931, é um jornalista reconhecido pelo meio, uma pessoa altamente respeitada pela excelência do seu trabalho, e boa parte de sua trajetória profissional encontra-se no romance autobiográfico “A sombra dos dias”, publicado em 1981. Mas, e o Guilherme de Melo escritor? Como ele se apresenta?*

Guilherme de Melo – Nunca me tomei a sério... (risos) Eu costumo sempre dizer que sou um jornalista que também escreve livros, aliás, que gosta de escrever livros, mas nunca, nunca me vesti a pele de escritor, nem nunca me

roguei o título “Ah! Eu sou um Escritor!”. De modo que, quando sempre aparecem as críticas, quase sempre de pouca contribuição, ou quando falam essas coisas, procuro ler sim, mas elas não me deixam marcas, não alteram a minha personalidade e nem a forma de eu pensar, não me causam dor, não me deixam marcas, amarguras, não deixam nada. Leio-as e recebo-as, mas eu mesmo nunca me tomei muito a sério como escritor.

Jorge Valentim – *Mas o Guilherme de Melo tem noção de que foi um pioneiro em duas situações muito distintas. A primeira situação está na sua afirmação de que nunca se viu como um escritor, mas como um jornalista que gosta de escrever livros. E hoje, muito daquilo a que convencionamos chamar de “crítica literária” parte de colunistas de jornais. Muitas vezes, os comentários publicados nessas seções acabam cometendo injustiças e tecendo aspectos que pouco tem a ver com a crítica. É claro que existem casos e casos, também não podemos generalizar. Neste sentido, trata-se da má utilização de um instrumento de comunicação que deveria servir a outros fins...*

Guilherme de Melo – Claro, absolutamente, concordo consigo.

Jorge Valentim – *Ou seja, o Guilherme de Melo não deixa de acreditar na aposta de um diálogo saudável entre a escrita jornalística e, digamos assim, a literária, a ficcional, entre os intelectuais de sua geração. E o senhor, por mais de uma vez, soube valer do seu ofício de jornalista para produzir obras de cunho ensaístico que refletem sobre a questão da homossexualidade em Portugal...*

Guilherme de Melo – Sim, de acordo.

Jorge Valentim – *E a segunda situação é a de Guilherme de Melo como o ficcionista da homossexualidade, em Portugal, o que, para mim, é um ponto fundamental para ser reconhecido e devidamente valorizado. O senhor tem noção de que abriu as portas para muitos escritores (ficcionistas e poetas) não só da geração mais perto da sua, mas, sobretudo das posteriores, inclusive a que hoje publica?*

Guilherme de Melo – Tenho, tenho a noção disto, até porque muitos, ainda hoje, me procuram, incluindo os meus leitores homossexuais, para dizer “Você fez-me tão bem com os seus livros”, “Você deu um empurrão tão grande”, “Você realmente fez aceitar-me como eu sou”, e tantos outros. Por isso, faço sempre a avaliação que valeu a pena, mesmo com todas as mordidelas que levei.

Jorge Valentim – *Mas foram muitas as mordidelas?*

Guilherme de Melo – Muitas... Muitas mordidelas...

[Aqui o escritor faz uma pausa em clima de mistério, quase tentando entrar na narrativa de algumas delas, mas a descontração e os risos acabam por desviar naturalmente do assunto, sem perder o objetivo do encontro]

Jorge Valentim – *Outra coisa que me chama a atenção e de que gostaria de tocar é sobre o seu posicionamento em relação ao contexto de Moçambique nos anos de 1960. Há críticas dedicadas à literatura moçambicana (sobretudo as centradas na poesia de José Craveirinha, por exemplo), que apontam uma produção mais dedicada à resistência e outra mais afiliada à propaganda colonialista. Nesta última, alguns o citam como um exemplo. No entanto, ao deparar-me com as duas reportagens, uma interrogação me veio à mente, e o Guilherme de Melo me corrija se eu estiver enganado. Em “Moçambique, Norte – guerra e paz” (1969), parece residir, ali, certa desconfiança e reticência sua em relação àquilo que a FRELIMO pregava, o que não se encontra em “Moçambique, dez anos depois”, onde se observa uma profunda simpatia do Guilherme de Melo com o então presidente Samora Machel...*

Guilherme de Melo – Sempre, sempre houve uma simpatia muito grande de um para o outro.

Jorge Valentim – *Então, eu não estou enganado na leitura que fiz sobre os seus dois textos. Porque, afinal, a sensação que fica é a de que o senhor acreditava na presença portuguesa em Moçambique...*

Guilherme de Melo – Acreditei.

Jorge Valentim – *Mas concordava com o sistema?*

Guilherme de Melo – Não, jamais. São coisas completamente diferentes. Eu achava aquilo totalmente errado. E eu sofri na pele porque foram muitas ameaças, por outro lado, também reconheço que o regime se aproveitou muito de mim, do prestígio que eu tinha, do nome, de ser realmente considerado um dos melhores jornalistas de Moçambique e tal, e tirou partido disso. Mas, eles também tinham certa desconfiança para comigo, eu tinha muitas reservas para com eles.

Jorge Valentim – *Há uma cena no seu romance “A sombra dos dias” que eu considero absolutamente fantástica. É quando o protagonista Guy, depois de insistir desesperadamente com o censor que liberasse a publicação da Reforma Administrativa do Ultramar e receber um categórico “não”, decide publicar, na primeira página do jornal, apenas anúncios e classificados de toda a sorte. O senhor lembra exatamente deste dia?*

Guilherme de Melo – Perfeitamente (risos).

Jorge Valentim – *E foi exatamente da maneira como descreve no romance?*

Guilherme de Melo – Exatamente assim, e nunca esperei que tivesse as consequências que tive. Muitos, na hora, foram tomados pela sensação de riso, acharam aquilo uma piada, mas o regime, a censura e tal diziam “Mas, esse cabrão acabou nos pregando uma partida!” E eu afirmei “Mas, pronto, são anúncios apenas”. Daí que eu nunca esperei que fossem tão longe, porque a brincadeira ia me sair muito cara. Eu estive com tudo pronto para ser embarcado em Lourenço Marques, na altura, pra vir e ser entregue a PIDE de Lisboa!

Jorge Valentim – *Nossa... Mas isso não aparece no seu romance...*

Guilherme de Melo – Não, eu não quis por isso lá. Achei que era endeusar-me demasiado. Mas, realmente aconteceu e houve uma intervenção forte do

tal Capitão Vasques que era diretor do jornal. E ele disse “Isto é um disparate! Vocês não podem fazer uma coisa dessas e tal...” Eu senti uma tensão muito forte, porque seria uma coisa de dois dias, eu seria embarcado para Lisboa para ser entregue a PIDE daqui. Nunca esperei que fossem tão longe por conta da raiva com que eles ficaram de mim. Julguei que era encarado como uma brincadeira e que eles próprios iriam rir...

Jorge Valentim – *No seu romance, nessa cena, o seu protagonista tem uma resposta muito contundente, muito direta ao censor, ao afirmar “Olha, esta é a leitura que vocês estão fazendo e não a que nós pretendíamos que as pessoas fizessem”.*

Guilherme de Melo – Claro, com certeza, e é verdade. Eu queria que as pessoas percebessem que tudo aquilo foi cortado, por isso, pus ali nos anúncios. Mas, pronto, nunca pensei que eles fossem tão longe e que politizassem a coisa toda daquela maneira.

Jorge Valentim – *Era preciso ter coragem, então...*

Guilherme de Melo – Tive. Tive coragem porque, na altura, o chefe da tipografia disse-me “Ó Guilherme, veja lá...”, e eu lhe respondi “Não faz mal. Eu assumo a responsabilidade. Não, senhor, chegamos a essa hora e não temos o que colocar na primeira página, vamos encher de anúncios”. Pronto. Foi um desafio. E ia me saindo cara a brincadeira, mas valeu a pena.

Jorge Valentim – *Sobre especificamente três romances seus, alguns dos quais já tive oportunidade de publicar e lhe mandar os ensaios. O primeiro, “A sombra dos dias”, finalizado em 1979, percebe-se, como o próprio Guilherme de Melo já o sublinhou, um caráter autobiográfico visível. O segundo, “Ainda havia sol”, de 1984, esse lastro autobiográfico diminui, mas ainda está lá.*

Guilherme de Melo – Sim, está. O Eduardo, ou Eddie, como Liza – a outra personagem – o chamava, era editor de um jornal, leitor de poetas, sobretudo, do Jorge de Sena.

Jorge Valentim – *E o terceiro, “O que houver de morrer”, de 1989, esse aspecto praticamente desaparece por conta de sua preocupação em mostrar uma geração mais nova – através da personagem João Pedro – que se depara com a homossexualidade do seu pai e começa agora a conviver com os espaços de frequência dos gays em Lisboa. Pois bem, então,*

eu quero pegar o gancho desta representação de uma geração portuguesa mais nova e perguntar o que o Guilherme de Melo pensa e como vê a relação social, não apenas dos homossexuais entre si, mas também da sociedade com os homossexuais, sobretudo, no Portugal de hoje, depois da aprovação da lei que permite a união conjugal entre pessoas do mesmo sexo?

Guilherme de Melo – Pois. É engraçado como, hoje, a sociedade portuguesa, acho eu, encara com uma total indiferença o ser ou não ser homossexual. Tornou-se completamente indiferente, deixou de ser um objeto de curiosidade, deixou de ser o bichinho do zoológico. Pois. Ser ou não ser tornou-se uma coisa completamente secundária, alguns nem pensam nisso, enfim, deixou de ser interesse, ou melhor, deixou de ter interesse.

Jorge Valentim – *Ainda que, em algumas cidades, sinta-se certa reserva...*

Guilherme de Melo – Claro, não podemos cair na generalização, é óbvio.

Jorge Valentim – *Por exemplo, eu estou no Norte do país, e percebo certa reticência quando se aborda o assunto.*

Guilherme de Melo – Claro, o Norte é muito conservador, ainda, em certos aspectos. Mas, parece-me que, realmente, de Coimbra para baixo, há outro país.

Jorge Valentim – *Sim, e um observador atento dos espaços da cidade percebe logo a facilidade que Lisboa oferece quando entra no Bairro Alto e vê a concentração de bares e cafés das mais variadas tribos. E os seus romances, de certa forma, procuram efetuar uma espécie de mapeamento dos lugares de trânsito dos homossexuais, certo?*

Guilherme de Melo – Sim, esta foi uma das minhas preocupações, a de mostrar que, no fundo, frequentamos nossos lugares de preferência e gostamos de sair, de diversão, de conversa, enfim, de viver a vida.

Jorge Valentim – *E o Guilherme de Melo pretende escrever alguma coisa ainda, de repente, sobre as modificações que esse espaço sofreu ao longo dos anos, tem algum projeto em vista?*

Guilherme de Melo – Não, não tenho mais pretensão nisto. Tive algumas complicações por conta de um AVC e fiquei com o meu lado direito comprometido. Quando saí do hospital, não andava. De maneira que, com fisioterapia, eu me recuperei e faço as minhas coisas sozinho, visto-me sozinho, tudo isto e tal. Mas, esse lado ficou sempre muito mais fragilizado, e para escrever

e tudo, sinto dificuldades. Pronto, costumo dizer “Já morri, agora espero ser enterrado”.

[Aqui, risos de ambas as partes, até porque, apesar da idade, o escritor esbanja bom humor e vitalidade].

Jorge Valentim – *Mas nunca pensou em lançar mão da tecnologia, por exemplo. Sua relação com o computador é boa ou não?*

Guilherme de Melo – Péssima! (risos) Ui, sempre! (mais risos). Sempre mantive distância do computador, não percebo nada do computador.

Jorge Valentim – *O Guilherme sabe que já existe um programa em que pode ditar e o computador faz a transcrição, certo?*

Guilherme de Melo – Sei de tudo isso, mas essas coisas fazem-me muita confusão (risos). Ai que horror! Eu odeio máquinas, sempre odiei máquinas.

Jorge Valentim – *Pois eu também, e confesso sem qualquer problema, tenho uma relação complicada com máquinas e com botões.*

Guilherme de Melo – Eu sempre fico com a sensação de que, se eu não tiver cuidado, a máquina me engole. Eu tenho um livro, *O homem que odiava a chuva e outras estórias perversas*, onde há uma estória perversa de uma máquina que engole e tem um papel apavorante. Por ali, dá para perceber que eu sempre tive um péssimo relacionamento com máquinas, e o computador sempre foi para mim uma máquina de escrever sofisticada, mais nada.

Jorge Valentim – *Já que o Guilherme tocou no assunto, esse seu livro é um dos títulos mais incomuns no seu projeto de escrita. Isto porque nos seus romances – n’ ”A sombra dos dias”, no “Ainda havia sol” e mesmo n’ ”O que houver de morrer”, naquela belíssima cena final em que um dos rapazes, depois de uma profunda decepção, recebe um telefonema do antigo namorado e fica em suspenso um possível reencontro entre eles –, há sempre uma atitude expectante e esperançosa. Mas, ali, em “O homem que odiava a chuva”, vemos um festival de perversidades.*

Guilherme de Melo – Mas eu sou muito perverso (risos).

Jorge Valentim – *Mesmo?*

Guilherme de Melo – Sempre fui (mais risos). Eu adoro a perversidade.

Jorge Valentim – *Mas perversidade não se confunde com coragem, por exemplo.*

Guilherme de Melo – Não, claro que não. Mas, na minha vida, eu sempre tive que ter uma tonicazinha de perversidade em tudo, porque, sem perversidade, a vida é uma sensaboria.

Jorge Valentim – *Agora, especificamente, sobre o seu conto “O monstro verde”, tirado de uma fala de Iago, da peça “Otelo”, de Shakespeare, que, em algumas traduções portuguesas aparece como o “monstro de olhos verdes”...*

Guilherme de Melo – Não, na verdade, é o monstro verde mesmo.

Jorge Valentim – *Pois então. Neste conto, o protagonista, o enfermeiro Jorge, fica também numa atitude expectante ou não?*

Guilherme de Melo – Eu acho que sim, acho que ele fica numa atitude de espera, mas eu próprio, no momento, não defini muito bem isso, nessa escolha de posição, mas acho que ele fica numa postura expectante sim.

Jorge Valentim – *Aliás, as duas personagens desse conto são bem diferentes de outro casal de criaturas suas, que estão no conto “A porta fechada”, de “A secreta aventura”. Para mim, esse texto é um dos mais enigmáticos que o Guilherme de Melo escreveu. Vejamos, o texto foi publicado em 1961, numa época em que pouco se tocava no assunto, a não ser de maneira muito sutil. O marido compra um flat, para passar momentos sozinhos lá, nós não sabemos o motivo que o leva a se afastar da família, a mulher invade o apartamento e a situação fica mais curiosa porque não há amante e nem qualquer lastro de presença feminina no local. A única resposta que recebemos da personagem é que ela precisa daquele momento para encontrar-se consigo própria e de que outros homens também fazem o mesmo que ele. Seria uma maldade muito grande, ou uma perversidade, de minha parte, se operasse uma leitura pelo viés da ambiguidade sobre este personagem?*

Guilherme de Melo – Não, absolutamente. Ela está lá, até porque a porta fechada é uma metáfora que te permite este tipo de análise, certo? E não se esqueça de que a porta pode ser do flat, como pode ser também de armários imaginários. Pelo visto, você também tem a sua tonicazinha de perverso, não?

Jorge Valentim – *Eu? (risos) Bom, confesso, tenho sim e faço leituras muito perversas, às vezes, de situações que ninguém poderia imaginar e que chega a causar incômodos em alguns alunos, como em certas cenas de “O primo Basílio”, do Eça, e o “Amor de perdi-*

ção”, de Camilo. Outra curiosidade. No seu ensaio “Gayvota”, o senhor relata a sua ida a um congresso sobre a memória da guerra colonial, com uma conferência que deixou muitos militares de cabelos em pé. Esse texto encontra-se publicado?

Guilherme de Melo – Sim, já está publicado. Depois fizeram um livro com todas as intervenções – e a minha deu realmente o que falar – que se passaram nesta reunião. E lá está a minha intervenção.

Jorge Valentim – *Falando sobre publicações, o Guilherme de Melo tem lido o que aparece em Portugal, sobretudo na linha temática homoerótica?*

Guilherme de Melo – Não muito. Mas, vai agora sair, para algumas semanas, um livro de memórias do Eduardo Pitta. Conhece-o, pois não? Ele telefonou-me há quatro dias a dizer-me “Ó Guilherme, vai agora sair um livro meu de memórias depois do dia 10 (de maio). E há um capítulo que é dedicado só a si”. Ele conhece-me muito bem, desde pequeno, desde miúdo, e é também homossexual. De modo que, não sei se o conhece pessoalmente, mas é uma pessoa a ser contactada por si. Mas, eu sei que ele é muito meu amigo...

Jorge Valentim – *Um bom crítico, por sinal.*

Guilherme de Melo – É um bom crítico, é sim, senhor. De maneira que, neste livro do Eduardo, há um capítulo que é dedicado só a mim. Considerando o que ele já publicou, e saindo agora um capítulo sobre mim, acredito que alguma coisa interessante eu tenho dito. (risos)

Jorge Valentim – *Muita coisa (risos). O Eduardo Pitta tem uma produção muito interessante. “Fractura” é um ensaio fundamental, além, é claro, da sua poesia, da sua ficção (“A cidade proibida” e “Persona”) e da sua narrativa de viagens que saiu há pouco (“Cadernos italianos”). E por falar nisso, o Guilherme de Melo já foi ao Brasil?*

Guilherme de Melo – Três vezes.

Jorge Valentim – *À visita, digo, a turismo apenas, ou a convite, a trabalho?*

Guilherme de Melo – A primeira vez, fui acompanhar o Marcelo Caetano, quando lá foi, levar os ossos do D. Pedro. Levar ou buscar, já não me recordo mais, mas estava lá, na comitiva de jornalistas. Foi a primeira vez que fui. Depois voltei, outra vez, a convite de uma Associação qualquer brasileira, que também já não me lembro. E a terceira vez, foi uma excursão que se organizou com inscrições, e eu me inscrevi porque eu adoro o Brasil, de maneira

que lá estive três vezes. A última, que durou quase um mês, fui ao Norte, estive na Amazônia, fui ao Pará, depois Belo Horizonte, dei uma volta grande. As outras duas, contive-me por São Paulo e Rio de Janeiro. Apenas na terceira vez, posso dizer que conheci o melhor possível, dentro do que foi possível, o Brasil. Ou melhor, os vários Brasis.

Jorge Valentim – *No final do seu “Gayvota”, o capítulo final chama-se “Vivi como quis, amei quem quis”. O Guilherme ainda acredita nisso?*

Guilherme de Melo – Viver como quis, vivi. Nunca tive inibições nenhuma. Amei quem quis? Não. Uns quiseram mais e outros fiquei no querer (risos). Mas, pelo menos, quem amei, quis amar e amei. É verdade. Estou com 82 anos, caminhando para os 83, vivi o que pude na sua plenitude e posso lhe dizer, não tenho medo da morte. Só não gostava de morrer em sofrimento, gostava de ter uma morte rápida e sem problemas. Mas morro em paz com a vida, o que uma pessoa pode fazer, eu fiz, lamento não conseguir fazer outras coisas que poderia fazer. Mas, como se diz em bom português, “Vou com o papinho cheio”.

Jorge Valentim – *O Guilherme está a falar assim, mas a primeira impressão que tive é que estou diante de uma pessoa com muita vitalidade.*

Guilherme de Melo – Ah, sim, isso eu ainda tenho. E não me recuso nunca a falar sobre a homossexualidade, incluindo a minha, é claro. Sempre fui a programas de televisão, a mesas de debates, e começava sempre dizendo “Desculpem-me lá por me repetir, mas eu sou a bicha de serviço” (risos). Se precisassem de um homossexual para falar, era só chamar o Guilherme de Melo, porque os outros, ninguém é homossexual, pelo menos, pensavam que não eram naquela época (risos). Por isso que eu, felizmente, sempre dizia que era a bicha de serviço (risos).

Jorge Valentim – *Muito obrigado pelo seu tempo e por ter me recebido em sua casa.*

Guilherme de Melo – Não há nada que agradecer, eu é que lhe agradeço a atenção.